



10º Simposio de Ensino de Graduação

O PAPEL SOCIAL DO ALCOOLICOS ANONIMOS - A.A NA RECUPERAÇÃO DE ALCOOLISTAS

Autor(es)

AUDREY VANESSA BARBOSA

Co-Autor(es)

ANDREIA APARECIDA FEITOZA COSTA
ANDRÉ BETHIOL VICTORIA
ELISANGELA CRISTINA ROMANO
FABIANA DE SOUZA

Orientador(es)

OSVALDO ROCHA DA SILVA

1. Introdução

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de compreender de que forma o A.A (Alcoólicos Anônimos) contribui na recuperação dos alcoolistas que o procuram.

O alcoolismo é entendido como um conjunto de distúrbios físicos e transtornos mentais devido ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas. Tanto o comportamento do beber quanto os problemas associados a ele são determinados por diversos fatores individuais e ambientais (EDWARDS, MARSHALL e COOK, 1999 apud CUNHA et al, 2007). O alcoolismo é considerado, na atualidade, um dos principais problemas de saúde pública em todo o mundo (BEZERRA et al, 2008).

Segundo Rodrigues e Almeida (2002) o uso abusivo do álcool é responsável pelo absenteísmo no trabalho, acidentes automobilísticos, suicídios, câncer, cardiopatias e doenças hepáticas; além do que, sua dependência reduz a expectativa de vida em cerca de dez anos, estando também relacionado a um grande número de conflitos de ordem familiar e social. Acrescentam-se, ainda, os custos financeiros causados pelas faltas no trabalho, seguros previdenciários e tratamento de diversas patologias que lhe são secundárias.

É comum a associação dos transtornos psiquiátricos com os problemas relacionados ao uso de álcool, tais como: transtornos do humor - como a depressão e os transtornos de ansiedade -, os transtornos de conduta, o déficit de atenção e hiperatividade, a esquizofrenia e o tabagismo, sendo estas as comorbidades mais comuns associadas ao abuso de substâncias psicoativas (PORTUGAL et al, 2009).

Para conter ou precaver tal problema relacionado ao álcool, são utilizadas algumas estratégias com o intuito de reduzir o número de alcoolistas, tais como: campanhas de prevenção – atuação ao nível primário – e organizações que oferecem técnicas e tratamentos - que vão surgir secundariamente, quando a patologia já se instalou (RODRIGUES e ALMEIDA, 2002).

Uma das práticas que propõem a recuperação de alcoolistas, não vinculada à medicina, são os chamados Alcoólicos Anônimos. Segundo Sousa et al (2009) a irmandade Alcoólicos Anônimos nasceu em 1935, em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, após um diálogo entre um corretor da Bolsa de Nova York - Bill Wilson e um médico de Akron - Bob Smith. Eles perceberam que, por alguma razão até ali não bem compreendida, conseguiam ficar sem beber durante bons períodos depois que passavam algum tempo conversando e compartilhando seus problemas.

No Brasil, o primeiro grupo do A.A surgiu no ano de 1947. Existem, no total, cerca de 5.700 grupos em atividade no país, dos quais em torno de 120.000 membros fazem parte. O A.A mostrou-se popular no Brasil, sendo o terceiro país com mais membros, atrás

apenas dos EUA e do México. (CAMPOS, 2004).

Segundo Campos (2004) o A.A desempenha um papel importante no conceito de “doença do alcoolismo” e, em seu tratamento eles têm mantido uma constante interação com a medicina. A entrada no grupo de A.A introduz ao bebedor uma mudança de significados que permite uma (re) construção de sua identidade, onde os mesmos se reconhecem como “doentes alcoólicos em recuperação”, em oposição a uma imagem de “bêbado” e de “cachaceiro” dos tempos de alcoolistas.

Além do trabalho realizado direta e voluntariamente pelos grupos de A.A, sua filosofia dos Doze Passos, em função de sua efetividade, influenciou diversos outros métodos e técnicas terapêuticas exercidos em caráter profissional, sendo comumente utilizados por clínicas e núcleos especializados no tratamento de dependentes químicos (RODRIGUES e ALMEIDA, 2002).

Existem, no entanto, os críticos que contestam a eficácia do A.A. Em matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, Dartiu Xavier, revela em seu estudo que menos da metade dos frequentadores permanecem no A.A após 03 meses do início do tratamento; alguns alcoolistas chegam a considerar o grupo uma seita e outros dizem que ficam dependentes do grupo e têm a opção em escolher beber ou não. Outra crítica é quanto à recaída do alcoolista que frequenta o A.A - quando isso acontece, são considerados fracassados .

Coordenadores de divulgação do A.A replicam as críticas, enfatizando que os motivos que levam à desistência do tratamento são as características da própria doença, lembrando que o A.A tem grande aceitação no Brasil, sendo o terceiro país com mais membros, atrás dos EUA e do México.

Nota-se que o modelo de auxílio provido pelo A.A continua como uma das alternativas mais populares entre os alcoolistas que buscam manter a sobriedade. Diante disto, o presente estudo buscou compreender como o A.A contribui para a recuperação dos alcoolistas, investigando quais motivações podem estar relacionadas na busca dos alcoolistas pelo método do A.A.

2. Objetivos

Investigar a contribuição do A.A para a recuperação dos alcoolistas que o procuram e as motivações pela busca ao A.A.

3. Desenvolvimento

A amostra foi composta de 10 sujeitos freqüentadores do A.A. das cidades de Limeira (04), Piracicaba, (02), Santa Bárbara do Oeste (02) e Artur Nogueira (02). Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UNIP - em 1º de setembro de 2011 - os membros do grupo fizeram contato com a irmandade do A.A. das respectivas cidades, apresentaram e explicaram os objetivos da pesquisa e o TCLE para os sujeitos interessados. As entrevistas realizadas foram gravadas, a partir de autorização, transcritas e posteriormente categorizadas por eixos temáticos para realização das análises.

4. Resultado e Discussão

Na perspectiva de todos os alcoolistas freqüentadores do A.A, o alcoolismo é considerado uma doença progressiva, com vários estágios ou fases, uma vez que acreditam ter uma pré-disposição genética para desenvolver o alcoolismo que, unida a outros fatores contribuem para desencadear a doença. Deste modo, relatam que só conseguem obter sucesso no tratamento no A.A se, primeiro, aceitarem sua condição de doente alcoolista.

Segundo Campos (2004), o A.A desenvolve uma teoria na qual indivíduo não é responsável por ter a doença alcoólica - ela é algo inato, inerente ao alcoolista, de modo que a doença independe tanto da vontade do indivíduo como da quantidade de álcool ingerida, ou seja, um alcoolista não se torna alcoolista, ele é alcoolista.

A prevalência de mais de um alcoolista na família se repete entre os membros do A.A., o que aponta um fator hereditário como uma das possíveis influências para se desenvolver o alcoolismo. Porém não se deve deixar de considerar outros fatores, tais como o ambiente no qual o sujeito se estrutura e a família se insere.

As motivações para a procura do A.A pelos entrevistados parecem sugerir que os mesmos começaram a freqüentar a instituição após perderem o controle sobre si mesmos, de modo que o A.A torna-se a única forma de recuperar-se do alcoolismo, depois de já terem recorrido à religião, internações, entre outros – o que condiz com a hipótese inicial de que a busca por ajuda no A.A se dá em um estágio bastante crítico da doença, o “fundo do poço”. Logo, o que motiva os alcoolistas a freqüentar o A.A é a mudança da qualidade

de vida, a identificação com a política do grupo e a filosofia da irmandade. Além de, poderem compartilhar suas angústias e sofrimentos em razão uso do álcool, sem serem julgados ou criticados por beberem.

Foi percebido, que a família não parece ser um fator unicamente determinante para o início do alcoolismo. O apoio fornecido pela família para a adesão ao A.A demonstra ser importante para a continuidade do tratamento pelo alcoolista. Assim, a frequência dos familiares às irmandades de apoio, como o AL-ANON permite a compreensão da doença do alcoolismo, de maneira que saibam como lidar com o alcoolista, quebrando paradigmas a respeito do seu caráter. Alguns alcoolistas relataram considerar, ainda, o A.A como uma família.

O psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira -, afirma ser o método utilizado pelo A.A limitado para aqueles que têm dificuldade de falar em público e, para os que sofrem de algum tipo de problema psiquiátrico - caso de três em cada quatro dependentes de álcool, segundo ele. Além de ter concluído com sua pesquisa que os indivíduos que desistem de frequentar o A.A afirmam considerar os relatos dos alcoolistas “depressivos”, com histórias tristes que incitam ainda mais a vontade de beber. Este discurso diverge dos relatos dos entrevistados da presente pesquisa, uma vez que, os mesmos defendem a significância do A.A como único meio capaz de estacionarem na doença do alcoolismo, sendo o tempo de frequência no grupo pelos membros frequentadores entrevistados entre três e trinta e cinco anos ininterruptos. Além de, os entrevistados afirmarem que a frequência ao A.A possibilita a eles uma mudança de hábitos, o que inclui a forma como percebem a si mesmos e como se comunicam, melhorando sua pronúncia e a maneira de se expressarem no meio social.

Adriano et al (2005) enfatizam, de acordo com suas pesquisas, que a irmandade A.A possui um importante papel como restituidor da identidade e da dignidade dos alcoolistas, que encontravam-se entregues ao álcool, restituindo-os na sociedade. O grupo contribui, então, para o resgate da dimensão humana do alcoolista, promovendo um serviço à comunidade, à medida que, através de seu testemunho, o alcoolista contribui para a recuperação de outros que sofrem da mesma doença, sendo um meio de ajuda mútua.

Assim, comprova-se, em partes, a hipótese de que a eficácia do A.A pode ser mínima, não apresentando resultados significativos para aqueles que não acreditam na sua recuperação, considerando que o desejo de frequentar o A.A pertence somente ao alcoolista e, portanto, depende de sua escolha e dedicação pessoal. Para análise mais aprofundada dessa questão, outras pesquisas se fazem necessárias com aqueles que não permanecem no grupo.

5. Considerações Finais

Pode-se concluir que o alcoolismo é considerado uma doença, na qual o alcoolista precisa aceitar sua condição de impotência perante o álcool para alcançar êxito em manter a sobriedade, seguindo a filosofia proposta pela irmandade. Deste modo, acredita-se que, até certo ponto, o A.A pode limitar o indivíduo, na medida em que este deve guiar-se pela filosofia proposta pelo grupo, não sendo capaz de recuperar-se do alcoolismo por si só – o que de fato o coloca como doente incapaz e impotente perante o álcool.

Observa-se, pois, que a proposta de tratamento do A.A pode não ser eficiente para todos os alcoolistas que o procuram, uma vez que, parece muito difícil para um indivíduo ser capaz de renunciar sua onipotência e admitir que possua uma ‘doença’, precisando de ajuda para manter-se sóbrio.

Verificou-se, ainda, que o A.A contribui significativamente com a qualidade de vida dos alcoolistas que se identificam e aceitam a proposta de tratamento oferecida e praticada pelos membros da irmandade, proporcionando aos membros da irmandade ressignificar sua relação com o álcool, ajudando-os a reinserir-se na vida social e construir ou reatar vínculos afetivos e familiares, os quais estavam impossibilitados de fazer sob dependência do álcool.

Acredita-se que o A.A possui, então, um importante papel social, considerando que as políticas públicas existentes na prevenção do alcoolismo não estão sendo suficientes, uma vez que as pesquisas apontam que o índice de alcoolistas cresce a cada dia no Brasil e no mundo.

Referências Bibliográficas

Artigos publicados em Revista Científica:

ADRIANO, A.L. et al . Papel dos Alcoólicos Anônimos como instrumento de recuperação e inserção dos alcoolistas na comunidade do Pirambu. Departamento de Saúde Comunitária, Faculdade de Medicina - FAMED/UFC In: Anais da 57ª Reunião Anual da SBPC - Fortaleza, CE – Julho de 2005.

CAMPOS, E. A. As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. In: Cadernos

de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20 n.5. , 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 12 mar.2011.

CUNHA, S. M. et al. Habilidades sociais em alcoolistas: um estudo Exploratório. In: Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v.3, n.1. , 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 04 mar.2011.

NEVES, D.P. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1): 7-36, jan-fev, 2004.

PORTUGAL, F. B.; CORRÊA, A. P. M.; SIQUEIRA, M. M. Alcoolismo e comorbidade em um programa de assistência aos dependentes de álcool. In: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v.6, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/resmad>>. Acesso em: 06 mar. 2011.

RODRIGUES, J. T.; ALMEIDA, L. P. Liberdade e compulsão: uma análise da programação dos doze passos dos alcóolicos anônimos. In: Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 113-120, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf>>. Acesso: 05 abr.2011.

SCALI, D. F.; RONZANI, T. M. Estudo das expectativas e crenças pessoais acerca do uso de álcool. In: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v. 3, n. 1. , 2007. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/resmad>>. Acesso em: 06 mar.2011.

SOUSA, F. F. A. et al. Pessoas em recuperação do alcoolismo: avaliação dos fatores de risco cardiovasculares. In: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v.5, n. 2. , 2009. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/resmad>>. Acesso em: 06 mar.2011.

Documentos eletrônicos:

BEZERRA, A.M.S. et al. O Alcoolismo e suas conseqüências no meio social. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/10278/1/Alcoolismo-e-suas-Consequencias-no-Meio-Social/pagina1.html>>. Acesso em: 07 out.2011.

Consulta ao site da OMS: <<http://www.who.int/gho/alcohol>>. Acesso em: 05 out.2011.

Consulta

em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/894558-grupo-dos-alcoolicos-anonimos-tem-a-sua-eficacia-contestada.shtml>>. Acesso em: 15 nov.2011.

Consulta em: <<http://www.proad.unifesp.br/pesquisa.htm>>. Acesso em: 15 nov.2011.